



9º Congresso de Pós-Graduação

LEITURAS SADIANAS

Autor(es)

TAITSON ALBERTO LEAL DOS SANTOS

Orientador(es)

LUZIA BATISTA DE OLIVEIRA SILVA

1. Introdução

Roland Barthes (1971) faz uma aproximação de Sade com o socialista utópico Charles Fourier e com o ex-soldado criador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola. Para Barthes os três autores em questão são logotetas - ou fundadores de línguas – aqueles que recorrem às mesmas operações para construir suas linguagens, por isso, “o texto é um objeto de prazer” afirma o autor, que mergulha com paixão nas obras dos escritores, o “maldito”, o “grande utopista” e o “santo jesuíta” a fim de colher material para o estudo dos mecanismos da linguagem.

2. Objetivos

Extrair-se-ão da discussão de Barthes e outros autores as categorias sadianas contempladas, como a viagem, a educação e a alcova objetivando compreender os mecanismos da linguagem em Sade, mediante os termos crime e palavra.

3. Desenvolvimento

A **viagem** – Para Barthes “viaja-se muito em certos romances de Sade”(1971, p.19), porque a viagem tem o caráter de iniciação, todavia, segundo Barthes, a viagem sadiana não se propõe ensinar nada; vale-se deste recurso para provar que o vício e a virtude são ideias que dizem respeito a determinada localidade, variando-se o local, variam-se os costumes.

Por que os personagens de Sade viajam tanto? Para Moraes (1994, p.47) a viagem do herói sadiano não é iniciática, pois a iniciação pressupõe a passagem de um estado para outro: “Os ritos de passagem operam uma transformação no sujeito: o iniciado deve deixar algo para trás ao aceder ao conhecimento que lhe é revelado, a fim de assumir uma nova identidade. A viagem, nesse caso, viabiliza tal transformação e, ao retornar, o sujeito não é mais o mesmo”. Entretanto, sem a viagem, não há o deboche. Ao mero pretexto contrapõe-se então a condição essencial do deboche; contra o “nada ensina” de Barthes, insinua-se a ideia da viagem como experiência fundadora da libertinagem.

A viagem é a oportunidade do libertino conhecer outros devassos para realizar maiores crimes, como os dos personagens: Minski de Gernande (personagem de “La Nouvelle Justine”) , que sangra sua mulher a cada quatro dias, faz a volta ao mundo deixando um enorme número de mortos; Juliette assassina cerca de 50 mil pessoas, 20 mil somente na Itália; Jerônimo o Monge, encontra libertinos ainda mais cruéis, os quais o ajudam a roubar e matar dezenas de vítimas. Na matemática libertina quanto maior o número de vítimas maior sua porção de felicidade.

A educação - A Filosofia na Alcova, com o subtítulo “Os preceptores imorais”, tem por finalidade ser um “tratado de educação”, ainda que uma educação “às avessas”. O tema da obra é a educação (nos vícios) da jovem Eugénie. Dois experientes libertinos farão as vezes de seus preceptores, são eles: Dolmancé e Madame de Saint-Ange. “O raciocínio dela é mais vulgar, mais superficial, baseado nas sensações experimentadas em sua vida de vício. O raciocínio de Dolmancé é intelectual, penetrante, inteligente”(1979, p. 195). Todavia, cabe ressaltar que o libertino não educa qualquer um, ele somente educa aquele que já tem em si a disposição de se dedicar ao vício e ao crime. Barthes, entretanto, classifica estes “modelos educacionais” e divide-os em dois: um sendo voltado para as vítimas e outro, bem singular, aos senhores:

Aquelas [as vítimas] são submetidas às vezes a cursos de libertinagem, mas são, se assim se pode dizer, cursos de técnica (lições de masturbação todas as manhãs em Silling), não de filosofia; a escola empresta à pequena sociedade vitimal o seu sistema de punições, de injustiças e de arengas hipócritas (o protótipo disso é, em Justine, o estabelecimento do cirurgião Rodin, ao mesmo tempo escola, serralho e laboratório de vivissecação). Para os libertinos, o projeto educativo tem amplitude maior: trata-se de chegar ao absoluto da libertinagem: Clairwil é dada como professora a Juliette, embora já bem avançada, e a própria Juliette é encarregada por Saint-Fond de uma preceptoría junto à sua filha Alexandrine. O domínio que se busca é o da filosofia: a educação não é a desta ou daquela personagem, é do leitor. (1971, p.20)

Outro ponto na educação sadiana é que esta nunca esta permite passar de uma classe para outra. “Justine, a quem tantas vezes se repreende em capítulo, jamais deixa seu estado vitimal”, assim como os libertinos de A Filosofia na Alcova não se dão ao trabalho de educar a Senhora de Mistival – mãe de Eugénie – defensora da moral cristã e das virtudes. Outra personagem de grande importância, apesar do pouco tempo que participa das orgias na Alcova, é Augustin: “jovem jardineiro de feições deliciosas, de dezoito ou vinte anos” (1999, p. 94) que Saint-Ange traz à alcova para servir de modelo nas lições ministradas por Dolmancé. Augustin é a “exceção” do que acima foi exposto, pois este participa das orgias, somente sendo violentado para se aumentar o prazer, nunca para punir. Deste modo, Augustin não pode ser comparado à vítima. E, ainda que participe ativamente das cenas lúbricas, também não se enquadra na “classe” dos libertinos. É Barthes novamente quem pode nos esclarecer:

Sua posição social é marcada duas vezes: primeiro, pelo estilo das suas frases (“Ah! tá solto! boca bonita!... Que fresquinha que é!... Parece que tô com o nariz em cima das rosas do nosso jardim... Também, tá vendo, siô, o que é que isso dá!”), estilo com que a sociedade aristocrática se diverte com algum esnobismo, como um exotismo rural (“Ah! encantador!... encantador!...”); em seguida e mais seriamente, pela exclusão da linguagem que lhe impõem: no momento em que Dolmancé se dispõe a ler para seus companheiros o panfleto Franceses, mais um esforço se quere ser republicanos, mandam Augustin sair: “Sai, Augustin: isto não é feito para ti; mas não te afastes; tocaremos a sineta quando for preciso que reapareças”. (1971, p. 148)

Conforme Barthes, aqui a moral é invertida, pois manda-se que se retire o adulto, o sujeito da devassidão (e não a criança, como é de praxe), para que não ouça o discurso filosófico que virá a seguir. Assim, Augustin permanece em sua condição “ignorante”, pois somente serve como instrumento de prazer ao demais personagens, nenhum discurso educacional lhe é destinado, “ele é o popular puro, que dá o frescor de seu corpo e de sua linguagem: em nada é humilhado, mas somente excluído”(Idem.) .

A alcova- Outro ponto analisado por Barthes diz respeito à clausura, o espaço fechado: O modelo do lugar sadiano é Silling, o castelo que Durcet possui nas profundezas da Floresta Negra e no qual os quatro libertinos dos 120 Dias enclausuram-se durante quatro meses com o seu serralho. (1971, p. 19)

Conforme Barthes, a clausura (ou alcova) sadiana tem dupla função, seja a de isolar e abrigar a luxúria dos libertinos, seja fugir aos olhos censores. É somente dentro da alcova, dos subterrâneos, que o libertino é livre, onde torna-se o que é. Toda a obra de Sade é permeada por estes espaços reservados e privados:

(...) ele estará presente em toda a arquitetura sadiana. As celas do mosteiro de Saint-Marie-des-Bois são descritas como “local encantador, mobiliado com gosto e voluptuosidade”; a própria Justine admite que, nelas, “não faltava nada para tornar essa solidão tão agradável quanto adequada ao prazer”. Também em Silling encontramos variantes desse aposento: os quatro apartamentos ocupados por Durcet, Curval, Balngis e o Bispo contém, cada qual, um boudoir com “esplêndidas camas turcas com dosséis de damasco em três cores”, e um mobiliário “adequado à lubricidade e ao conforto de seus ocupantes”. Não há habitação do deboche que não contemple esse espaço fechado, privado, íntimo, que, na obra sadiana, ganha sua expressão máxima em La philosophie dans le boudoir. (1971, p. 20)

Segundo Eliane, o *boudoir* é a mínima unidade do espaço sadiano, é onde a luxúria se concentra, onde a libertinagem encontra sua síntese, é no *boudoir* que “os devassos realizam a intimidade libertina”, sem que sejam incomodados por nada nem ninguém: “Passemos então à alcova” – convida Saint-Ange – “onde estaremos mais à vontade. Já avisei os criados. Podes estar certa de que não seremos importunadas” .

O *boudoir*, como diz Eliane, é um espaço de concentração da luxúria, síntese da libertinagem. Ele assim pode ser visto como uma

maquete da utopia sadiana de transformação do mundo burguês. “É no interesse de que a sociedade inteira se transforme numa imensa alcova que Sade parece escrever. É aí que a educação deve começar, a religião ser combatida, a família arruinada”(1999, p. 218).

A alcova é o *topós* em que serão praticadas todas as paixões libertinas. É único local possível para o *êthos* sadiano. É também lá que serão:

(...)suscitados Suetônio, Nero, Maquiavel, Buffon, Alcebiades, Thomas Morus, César, Rousseau, Virgílio, Safo e tantos outros pensadores com os quais discute Dolmancé para justificar filosoficamente o crime, ora utilizando-os para adensar suas argumentações, ora reparando suas idéias, ou combatendo seus princípios, sem abrir mão, jamais, das luzes da razão. Lá o libertino colocará o mundo inteiro: a Grécia, a Turquia, o Império Romano, o Oriente, os longínquos reinos selvagens. O passado, o presente e o futuro. E, ao entrar nessa imensidão que é a alcova, Eugénie exclama: “Que delicioso ninho!”. (1994, p. 195)

4. Resultado e Discussão

Crime e palavra: o erótico - “Sade é um autor erótico”, dizem. Mas o que é o erotismo? Segundo Barthes, nunca é mais do que uma palavra, pois que as práticas só podem ser codificadas se forem conhecidas, isto é, faladas; nossa sociedade jamais enuncia qualquer prática erótica, somente desejos, preâmbulos, contextos, sugestões, sublimações ambíguas, de maneira que para nós o erotismo não pode ser definido a não ser por uma palavra perpetuamente alusiva. Segundo este ponto de vista, Sade não é erótico, afirma Barthes, pois não há na obra sadiana strip-tease de espécie alguma, o strip-tease é o apólogo [fábula] essencial do erotismo moderno. Segundo Barthes:

É de modo totalmente indevido e por uma enorme presunção que a nossa sociedade fala do erotismo de Sade, isto é, de um sistema que não tem nela nenhum equivalente. A diferença não está em ser a erótica sadiana criminosa e a nossa inofensiva, mas em ser a primeira assertiva, combinatória, ao passo que a Segunda é sugestiva, metafórica. Para Sade, só há erotismo se se “raciocina sobre o crime”, raciocinar quer dizer filosofar, dissertar, arengar, enfim submeter o crime (termo genérico que designa todas as paixões sadianas) ao sistema da linguagem articulada; mas isso também quer dizer combinar segundo regras precisas as ações específicas da luxúria, de maneira a fazer dessas seqüências e agrupamentos de ações uma nova “língua”, não falada, mas agida; a “língua” do crime, ou novo código de amor, tão elaborado quanto o código cortês. (1971, p. 29)

5. Considerações Finais

Conforme Barthes, o crime sadiano só existe na proporção da quantidade de linguagem que nele se investe, de modo nenhum por ser ele sonhado ou contado, mas porque só a linguagem pode construí-lo. Sade enuncia em dado momento: “Para reunir o incesto, o adultério, a sodomia e o sacrilégio, ele enraba a sua filha casada com uma hóstia”(1971, p. 34) . É a nomenclatura que permite a concisão parental: do enunciado simplesmente verificativo projeta-se a árvore do crime, afirma o autor. “É pois, em última análise, a escritura de Sade que suporta todo Sade” (Idem.).

Segundo o semiólogo, a lei - e muitos leitores – tenta interditar Sade por razões morais, caracterizando-o como um autor abominável. Mas somente o condena quem se recusa a entrar em seu universo, que é o universo do discurso.

Em cada página de sua obra, Sade nos dá provas de “irrealismo” arranjado: o que se passa num romance de Sade é propriamente fabuloso, isto é, impossível; ou, mais exatamente, as impossibilidades do referente são convertidas em possibilidades do discurso, as limitações são deslocadas: o referente fica inteiramente à discricção de Sade, que pode dar-lhe, como todo contador de histórias, dimensões fabulosas, mas o signo, pertencendo à ordem do discurso, é intratável, ele é que faz a lei. Diz Barthes:

Juliette, soberba e franca no mundo, suave e submissa nos prazeres, seduz enormemente; mas quem me seduz é a Juliette de papel, a historiadora que se faz sujeito do discurso, não sujeito da “realidade”. Diante dos excessos da Durand, Juliette e Clairwil tem esta palavra profunda: “Você tem medo de mim? – Medo! Não: mas nós não a concebemos”. Inconcebível na realidade, fosse ela imaginária, a Durand (como Juliette) passa a sê-lo logo que deixa a instância do caso para atingir a instância do discurso. A função do discurso não é, de fato, provocar medo, vergonha, inveja, impressão etc., mas conceber o inconcebível, isto é, nada deixar fora da palavra e não conceder ao mundo nenhum inefável: aí está, ao que parece, a palavra de ordem que se repete ao longo de toda a cidade sadiana, da Bastilha, onde Sade só existiu pela palavra, ao Castelo de Silling, santuário, não da devassidão, mas da

“*história*” (1971, p. 37).

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. Sade, Fourier e Loyola; SP: Brasiliense, 1971.

BORGES, Augusto Contador. A Revolução da Palavra Libertina, In: Marquês de SADE. A Filosofia na Alcova; SP: Editora Iluminuras, 1999.

MORAES, Eliane Robert. Marquês de Sade: um Libertino no Salão dos Filósofos; SP: EDUC-SP, 1992.

_____. Sade: a Felicidade Libertina; RJ: Imago Ed., 1994.

PEIXOTO, Fernando. Sade: Vida e Obra; RJ: Ed. Paz e Terra S.A., 1979.

SADE, Marquês de. A Filosofia na Alcova: ou, Os Preceptores Imorais, Tradução, posfácio e notas de Augusto Contador Borges; SP: Editora Iluminuras, 1999.

_____. Ciranda dos Libertinos, Organização, tradução e posfácio de L. A. Contador Borges; SP: Max Limonad, s.d.